

20-02-2025

## Abril de literatura indígena (II)

### Damiana Pereira de Sousa

[Professora e Pesquisadora de literatura indígena. Doutoranda PPGeo/UFG]

Você já se indignou tanto com algo que sentiu como se estivesse engolindo um oceano de espinhos? Já tentou expressar essa indignação e sentiu como se estivesse gritando para um poço sem fundo? Eu já! O que pretendo com esses questionamentos é lhe contar um pouco da história de tantas injustiças direcionadas aos povos indígenas. Uma história que “aparentemente” todos conhecem. Mas, infelizmente, é necessário repeti-la incansavelmente. Durante sua fala<sup>1</sup> para o TEDxUnisinos\* a escritora indígena Julie Truduá Dorrico disse *“os corpos indígenas sentiram o peso do chumbo com a chegada dos colonizadores, sentiram a dor das armas biológicas, como a gripe, a varíola e a sífilis. O ventre das mulheres indígenas foi duramente violado e todos, homens e mulheres, sentiram a catequese atravessar suas almas como uma flecha envenenada, matando seus ritos, cantos e tradições”*. Você já parou para pensar em como é ser vítima de tanta violência? Como é sentir o peso da opressão, exclusão e invisibilização todos os dias? Ao fazer tais reflexões, a dor explodiu na minha pele como uma tempestade de raios, me consumindo e me massacrando. Viver sendo oprimida é viver como se a cada respirar o vento cortasse o ar com uma lâmina afiada! É sentir o cheiro do medo misturado com o grito abafado! É sentir o ódio se transformar em um terremoto interno, devastando nossa calma e deixando em pedaços o nosso coração. É viver sob acusações de vitimismo, de reproduzir “mimimi” e de se repetir ao reforçar situações de exclusão, violência e opressão. É cansativo! Contudo, ter coragem é indispensável e a coragem sempre caminhou com os povos indígenas, pois sempre lutaram contra todos os tipos e formas de violência, inclusive lutando e protegendo a Mãe Terra. Isso ocorre desde 1500 e agora buscam, através da “caneta”, mais uma forma de resistência. Não é abril e a [parte I](#) deste texto é de 20 de maio de 2024, mas para a luta pela sobrevivência, todo mês é abril e todo dia é dia de lutar e resistir por meio da escrita. Como bem disse Clarice Lispector, *“escrever é uma maldição, mas uma maldição que salva”*. E escrevendo, é possível evidenciar a riqueza e a magia da literatura indígena e assim contribuir para sanar tantas violências impostas e disseminadas. Retomando a fala de Julie Dorrico, sublinhada de forma marcante, *“adentrar no mundo das narrativas indígenas é adentrar no mundo dos avós e das avós, no mundo das histórias antigas e sagradas, no mundo das rodas de fogueira, das ervas medicinais, dos humanos e não humanos e entender que todos(as) somos apenas filhos e filhas da Mãe Terra, filhos(as) do tempo, do vento e do anoitecer”*. Adentrar no mundo das narrativas indígenas demanda sensibilidade, respeito e valorização das vozes e da cultura dos povos originários. Na esfera acadêmica, essas narrativas são muitas vezes criticadas, velada ou abertamente, reduzindo a literatura indígena a aspectos exóticos ou “folclóricos”. Isso mostra que muitos ainda carregam preconceito, discriminação e a influência da retórica colonialista. Neste segundo texto, destaco algumas ideias sobre como, no coletivo, podemos contribuir de forma efetiva para a disseminação da literatura indígena na sociedade. No âmbito educacional, é essencial introduzir autores e autoras indígenas nos currículos escolares e universitários, pois suas obras dialogam com questões históricas, sociais, ambientais e culturais, incentivando,

desde cedo, crianças, adolescentes e adultos a lerem obras de autoria indígena. A exposição a essas vozes possibilita a oferta do antídoto contra o racismo, fortalecendo seu combate. Exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas incluem: disponibilização de obras indígenas nas bibliotecas; realização de rodas de leitura, festivais literários, oficinas de escrita e narração oral; integração com as tecnologias por meio da criação de conteúdos em formato de podcast, como a narração de histórias tradicionais em línguas indígenas e na língua portuguesa, alcançando diversos públicos; realização de exposições literárias que mesclam textos, fotografias e objetos culturais; e parcerias com editoras, apoiando publicações indígenas. As universidades devem promover a inserção efetiva da representatividade indígena nos eventos acadêmicos, convidando autores e autoras indígenas para comporem mesas de simpósios, seminários e congressos, tanto nacionais quanto internacionais. Há tentativas, por parte de professores universitários comprometidos com a justiça social, ambiental, educacional e com a vida, de levar essas vozes a tais eventos. No entanto, as universidades são como uma casa cheia de portas e janelas ou uma mesa com farto banquete. Todavia, na casa, o espaço efetivo para a representatividade indígena está sempre trancado, e à mesa pode haver fartura, mas faltam cadeiras para aqueles(as) que representam os povos originários. Afinal, o epistemicídio garante a permanência dos mesmos grupos hegemônicos no poder. Quem precisa de novas perspectivas, não é mesmo? Portanto, há uma urgência por mudanças estruturais e multifacetadas! Não morremos! E a força coletiva, a sensibilidade e a luta por justiça social podem trazer transformações a uma sociedade adoecida, fragmentada, narcisista e burocrática como a que vivemos.

A chama do conhecimento ancestral, a força da palavra e o comprometimento de cada um pode, mesmo que no passo de formiguinhas, revolucionar essa triste e vergonhosa realidade. Seguem indicações de obras nacionais, de leitura obrigatória para você que, de fato, está do lado dos povos originários, da justiça social e da luta por um mundo justo, solidário, igualitário e inclusivo.

- Dorrico, Julie. *Eu sou macuxi e outras histórias*. BH: Caos e Letras, 2019.
- Kambeba, Márcia Wayna. *De almas e águas kunhãs*. RJ: Jandaíra, 2023.
- Munduruku, Daniel. *Histórias que eu vivi e gostei de contar*. SP: Callis, 2010.
- Potiguara, Eliane. *O Pássaro Encantado*. SP: Jujuba Editora, 2015.
- Krenak, Ailton. *Futuro ancestral*. SP: Companhia das Letras, 2022.
- Krenak, Ailton. *O amanhã não está à venda*. SP: Companhia das Letras, 2020.
- Jekupé, Kaka Werá. *Oré Até roiru'a ma - todas as vezes que dissemos adeus*. SP: Fundação Phytoervas, 2002.
- Jekupe, Olivio; Kerexu, Maria. *A mulher que virou urutau*. SP: Panda Books, 2011.
- Tupinambá, Glicéria. *Os donos da terra*. RJ: Editora Elefante, 2020.
- Tabajara, Auritha. *Coração na aldeia, pés no mundo*. SP: Uk'a editorial, 2018.

**Conheça outros brasis, leia obras literárias indígenas.**

Nota: \* *Tecnologia, Entretenimento e Design* é a organização que abarca o programa TEDx, de auxílio a voluntários para organização de eventos, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.